

A VONTADE DE PARTIR: as dualidades dos sujeitos e o
lirismo na poesia do moçambicano Guita Jr.

Viviane Mendes de Moraes
Mestre e Doutoranda em Literaturas Portuguesa e Africanas de
L. Portuguesa – Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este artigo, partindo da afirmação de Mia Couto sobre o papel do escritor no mundo, propõe-se a discutir de maneira breve a questão da dualidade do sujeito presente na poesia do moçambicano Guita Jr.. A partir da análise do livro *Da vontade de partir* (2000), tecem-se considerações pertinentes que demonstram a bipartição do sujeito lírico em coletivo e subjetivo, buscando evidenciar os motivos e as consequências desta divisão. O lirismo presente na obra também é discutido, pois interessa pensar como o contexto social o influenciou.

Palavras Chaves: Poesia Contemporânea Moçambicana; Guita Jr.; análise poética.

ABSTRACT:

This article, based on the affirmation of Mia Couto about the role of the writer in the world, intends to briefly discuss the question of duality of the subject in the work of Mozambican poet, Guita Jr. Analyzing *Da vontade de Partir* (2000), we weave discussions that demonstrate the binary nature of the lyrical subject in the collective and the individual, seeking the motives and consequences of this division. The lyricism present in this work is also discussed, as the poem prompts us to consider the influence of its social context.

Key Words: Contemporary Mozambican Poetry; Guita Jr; poetry analysis

**A VONTADE DE PARTIR: as dualidades dos sujeitos
e o lirismo na poesia do moçambicano Guita Jr.**

Viviane Mendes de Moraes¹
Mestre e Doutoranda em Literaturas Portuguesa e Africanas de
L. Portuguesa – Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Os escritores moçambicanos cumprem hoje um compromisso
de ética: pensar este Moçambique e sonhar com um outro
Moçambique”
(COUTO, 2005, 63).

Se entendermos o vocábulo escritores, presente na citação acima, como um hiperônimo para todos aqueles que fazem literatura – ficcionistas, poetas, cronistas etc. – chegaremos a proposta deste trabalho: queremos mostrar como na poesia de Guita Jr. estabelece-se a dualidade do pensar e sonhar Moçambique. Para tal, usamos como *corpus* alguns poemas da segunda parte do livro *Da vontade de partir*.

Este foi publicado em 2000 e republicado em 2006 juntamente com a obra *Rescaldo* (2001) em uma antologia chamada *Aromas Essenciais*, em que a poesia é elevada ao grau da essencialidade, cabendo a ela a força motivadora da resistência.

Da vontade de partir é dividido em duas partes: *Da vontade*, em que os elementos terra, água, fogo e ar são os motes para uma lírica que gira em torno das vontades do sujeito poético e, a segunda parte – *De partir* –, em que o sentimento de evasão ou de mudança é trabalhado.

De partir inicia-se com um verso de efeito: “Agora ou nunca” (GUITA JR., 2006, 29). Vejamos um fragmento deste poema:

Agora ou nunca

o içar a vela sobre o mar
o esticar a corda
o sentir a virilidade do leme
e ter que partir
(...) – (GUITA JR., 2006, 29).

O primeiro verso que, além de abrir o poema, abre também a segunda parte do livro, traz uma ideia de choque diante da realidade. Ele puxa-nos ao sentido precário, à sociedade

¹ Doutoranda em Literaturas Portuguesa e Africanas de LP na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestre na mesma área com pesquisa na poesia moçambicana contemporânea. Pesquisadora sobre a contemporaneidade da poesia lírica em África.

moçambicana, destruída por guerras e, ao mesmo tempo, pressionada ante as transformações tecnológicas do mundo exterior, veloz e globalizado.

Este verso é contrário ao que, em geral, se entende por África. Vai de encontro ao lugar-comum que o continente africano habita no imaginário ocidental: “África lugar sagrado das árvores míticas, da sabedoria dos mais velhos”. Como, então, um poema se abre para o mundo de uma forma que, além de inquietar e desacomodar, instaura um sentimento de alarme: “Agora ou nunca”?

Logo após, encontramos uma estrofe em que os elementos de desespero pela decisão vão se evidenciando.

Já no segundo verso, descobrimos o mar, possuidor de conotações nefastas – aquele que trouxe os portugueses e levou os escravos, que destruiu embarcações –, mas também de conotações positivas, como as que revitalizam, as que lavam as marcas do passado.

Junto ao mar, encontramos um meio de transporte que se movimenta sobre suas águas: o barco. Sabemos, então, agora, que há uma corda e um leme viril. Prepara-se o barco, estica-se a corda, pega-se ao leme, porque é urgente partir. Este barco alegoriza a vida e o tempo, pois o sujeito poético está à mercê do barco, da mesma forma como se coloca à mercê da vida e do tempo, ao decidir-se pela fuga. Mas o barco implica também viagem, movimento, saída.

Esta metáfora do barco também se estende à própria poesia que singra as águas das palavras, vagando sempre em busca do inapreensível.

A força do verbo *ter*, dando sentido de obrigatoriedade à partida, ratifica o primeiro verso “agora ou nunca”. E, visto que o barco está pronto, não há o que adiar. Assim, pegamos carona nesta embarcação e começaremos nosso trabalho apresentando e introduzindo a obra, o poeta e o seu contexto histórico.

Guita Jr. nasceu (1964) na cidade de Inhamane/Moçambique durante guerra, sua geração não participou das lutas pela libertação, nem das guerras de desestabilização, mas sofreu diretamente as consequências. Ele faz parte da geração do *Xiphefo* – “palavra que significa candeeiro, metáfora de uma luz que resiste e não deixa a poesia se apagar” (SECCO, 2003, 295) – que busca denunciar, através de um lirismo cortante e de metáforas dissonantes, as mazelas sofridas pelo povo em meio a tanta destruição.

O termo destruição abrange muito mais do que a simples ruína física do país, ele é mais profundo, já que engloba a ruína da alma de cada pessoa que vivenciou os horrores deste período. Ana Mafalda Leite afirma que a poesia desta geração é “discursiva e fortemente marcada pelos temas de violência da guerra e pelo descrédito dos sentidos humanos” (LEITE: 2006, 142). Pode-se acrescentar, ainda, que esta geração, comprometida com o real e com a

denúncia da distopia, não deixa de trabalhar o lirismo de afeto e a via erótico-amorosa, assuntos característicos da poesia contemporânea.

Foram os poetas Momed Kadir, Guita Jr., Adriano Alcântara, Artur Minzo e Danilo Parbato que publicaram, em Inhambane no ano de 1987, o caderno literário *Xiphefo*, que, de início, não teve o apoio da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) e cujo “guru” é o também poeta Moçambicano Eduardo White.

Atualmente, Guita é membro e coordenador do caderno literário e professor de Português na cidade em que nasceu. Estreou, literariamente, em 1997, com o livro de poesia *O agora e o depois das coisas*. Em 2000, publicou *Da vontade de partir* e, em 2001, *Rescaldo*. Estes dois últimos, como mencionado no início deste artigo, foram reunidos, em um volume único, intitulado *Os aromas essenciais* (2006), publicado, ao mesmo tempo, pelas Editoras Caminho (Lisboa) e Ndjira (Maputo). Os poemas dessas obras alegorizam a tensão que permeia o homem moçambicano urbano, contemporâneo. A escrita do poeta é alarmada, crispada, fracionada, distópica, cortante. Em cada verso, revela-se a fragilidade do sujeito dentro de seu tempo. O próprio Guita, em entrevista ao *Jornal das Letras* (2006), de Lisboa, fala um pouco disso e comenta alguns aspectos de seus livros:

JL – *Os aromas essenciais*. Estes dois livros, reunidos num só volume, obedecem a uma lógica própria...

Guita – São livros escritos como tal. O estilo, a arrumação... São mais ou menos do mesmo clima. Podem-se ler os poemas soltos, mas obedecem a uma lógica global.

JL – O que lhe interessa no tema da partida?

Guita – A primeira parte do livro fala dos quatro elementos. Dos elementos de origem. Qualquer coisa que cria uma vontade para um determinado fim. Esse fim é partir. É uma tentativa de solução, uma fuga motivada por muita frustração. Sobretudo a nível político e social. (...)

JL – (...) Por exemplo, na segunda parte quase todos os poemas têm uma espécie de refrão interrogado.

Guita – Estão lá as dúvidas. Perguntas que se calhar são respostas. Às vezes ler apenas o refrão funciona. São livros com sentidos diferentes. Este é o rescaldo dos dois primeiros. É o que resta. E, no fim, volto às portas da minha cidade e não parto.

JL – Conseguiu criar uma linguagem própria. É fácil de identificar que o poema é seu?

Guita – Isso não sei. Sou eu que escrevo. Mas dizem-me que sim. Claro que devo ter muitas influências. Mas isso também não me preocupa. Porque é o meu ritmo, a minha respiração. Somos todos influenciados...

(GUITA JR., *In: Jornal das Letras*, 2006, 128).

Em *Os aromas essenciais*, estão presentes dúvidas, angústias e sentimentos do homem moçambicano do final do século XX e início do XXI. Sempre permeados pela memória de um passado de dor e de violência, os poemas evidenciam um agora conturbado, havendo, entretanto, a par das incertezas, interrogações e olhares em relação ao futuro, o que demonstra uma atitude de recusa ao tédio cultural e às injustiças sociais. Isso fica mais claro nas palavras do escritor angolano Ondjaki, no posfácio deste livro, em que reflete um pouco acerca dos sentidos da poética de Guita Jr:

(...) os poemas falam, geram movimento, conseguem um ruído poético que reclama contra a indiferença e o vazio cultural. Há doçura e crítica na tua obra; os teus versos ondulam num ritmo que chicoteia o já visto (ONDJAKI. Posfácio. *In: GUITA*, 2006,76).

A distopia permeia toda a obra poética de Guita Jr. e em *Da vontade de partir*, o sentimento de desilusão e a necessidade de buscar o novo é intensa, como se o resultado do processo de reflexão sobre a situação atual de Moçambique o levasse a evasão. Esta, porém, não é como a encontrada em Cabo Verde, em que o sujeito está dividido entre o partir e o ficar. Aqui o partir pode ser entendido tanto como uma metáfora para a mudança (partir desta situação, abandoná-la através da mudança), quanto como evasão em si, em que o sujeito quer partir, ele tem que partir, pois apenas vislumbrando novos horizontes, encontrando novos mundos, percebendo novas atmosferas ele pode refletir e repensar o seu mundo, a sua atmosfera e até mesmo as suas utopias.

Esta dualidade do partir está ligada à do eu poético. Assim, propomos uma subdivisão deste sujeito poético, pois, em certos momentos, assume uma identidade mais social, com preocupações em relação à coletividade e, em outros, uma identidade lírica, mais subjetiva. Tal bipartição identitária é resultado da necessidade do eu lírico representar vários papéis dentro da sociedade contemporânea, o que se reflete na escrita poética em dois níveis:

a) quando o contexto histórico-social moçambicano é focalizado, a identidade assumida pelo sujeito poético é a de um “eu” que, como uma espécie de refletor, introjeta dramas coletivos e busca, por meio de suas palavras, dar voz aos que sempre foram silenciados, denunciando situações sociais problemáticas;

Para situarmos melhor esta função do eu coletivo como refletor e denunciador das mazelas sofridas, vejamos algumas palavras de Ki-Zerbo sobre a situação de abandono a África nos tempos atuais:²

A lógica do sistema exige a acumulação do capital à custa de certos fatores de produção, especialmente os custos humanos. (...) para promover um ser humano, é preciso esmagar dois ou três. Os ocidentais querem que os países africanos façam como na Europa, mas no intervalo de algumas décadas, não em alguns séculos como foi lá. A exploração, então, é muito mais dura, porque é comprimida num lapso de tempo muito curto. É a corrida às taxas de crescimento, e não à promoção humana. O sistema gera, portanto, a pobreza, e desemboca na pauperização (...)

(...) Hoje há a possibilidade de alugar ou pagar mão-de-obra, de ser proprietário de terrenos ou de investir no setor terceário, nos centros urbanos. (...) construíram-se fortunas com a ajuda dessa mercantilização progressiva e da gestão corrupta – ou até mesmo mafiosa – dos bens do Estado.

(...) Os resultados desta política de pauperização são terríveis. (...) O rendimento per capita na África é cinquenta vezes inferior ao rendimento de um suíço, francês ou canadense. A esperança de vida diminuiu drasticamente em muitos países africanos, fixando-se em vinte e cinco anos menos do que nos países industrializados. Em outras palavras, um africano médio vive uma geração menos do que um europeu. Os que sofrem mais com esta situação são as mulheres e os jovens, que funcionam como fusíveis do sistema: quando há um agravamento são eles quem mais sofrem. Citei uma vez as palavras de uma jovem prostituta de Uagadugu, que um jornalista entrevistou no local de trabalho (...) ‘Você não tem medo de contrair a AIDS?’ (...) ‘Eu prefiro morrer de AIDS a morrer de fome’. É essa a verdadeira situação de miséria. A miséria é a anulação da escolha. E hoje, na África, as pessoas têm cada vez menos escolha (KI-ZERBO, 2006, 28-30).

² Usamos esta referência de Ki-Zerbo para que tenhamos uma noção do problema da África no mundo, pois apenas falarmos que Moçambique – e a África em geral – está na periferia do mundo, que tem pobreza e miséria etc. é situarmos no lugar comum do discurso Ocidental usado para ver a África.

Essas intensas palavras de Ki-Zebo mostram-nos o quanto é frágil a situação atual no continente e como é necessário que essas pessoas adquiram voz, pois estão sendo sufocadas pelo resto do mundo e, aos poucos, vão morrendo no silêncio.

b) quando o “lirismo de afetos”³ e a via erótico-amorosa dominam os versos, a identidade assumida se revela eminentemente subjetiva, de modo que encontramos um eu poético voltado para si mesmo, para sua subjetividade, seus desejos e angústias.

Vejam os o poema a seguir em que o sujeito, assumindo um viés coletivo, denuncia, questiona e reflete sobre a situação do país, como se emprestasse a sua voz aos seus conterrâneos para que eles pudessem ser escutados.

Ter vontade de partir

aguçar as iras que me contêm
 plantar a infância que as crianças nunca tiveram
 sacudir a poeira dos ideais encardidos
 devolver a dignidade
 de mil vezes mil vezes mil
 homens que rasgaram a ganga
 e a carne nos andaimes que erguem
 esta terra ainda submissa
 que teima em florescer
 (GUITA JR., 2006, 39)

Neste trecho o eu é coletivo, pois a voz do poeta funciona como canal equalizador dos anseios, dos medos e dos desejos de seu povo. É o coletivo que tem a vontade da mudança (querer partir), que busca, mesmo em ideais encardidos e falhos, uma forma de reencontrar a sua dignidade perdida, que denuncia os sofrimentos pelos quais passam em nome de um progresso que não os atingirá, pois a sua terra (e com ela seu povo) são submissos.

O outro viés presente neste partir, é o do eu subjetivo, que entregue a um lirismo íntimo, trabalha com o erótico e com a busca do eu profundo. O poeta agora toma a forma de um indivíduo dentro do coletivo, um ser que sofre dores íntimas, tem questionamentos subjetivos que podem ou não ser causados pelo contexto social. Entretanto, nos poemas analisados, as indagações são consequências do seu tempo, isto é, o lirismo presente aqui advém do emparedamento deste ser em seu contexto social.

³ BOSI, A. (1983, 144) e SECCO, C. (2006, 229-249).

O partir para este eu subjetivo é uma necessidade, pois ele busca possíveis soluções para sua alma:

E continuar partindo

agora
 ter ausente a ânsia
 de sufocar a nostalgia
 de delirar na febre de estar só
 de torneir os calos de sal das palmas
 das mãos na cintura do equador
 de esmagar-te os seios
 no firmamento de um orgasmo

depois
 ter presente a necessidade da saudade
 da carta certa na posta restante
 de outras paragens
 do recado nunca dado
 do não poder ser hoje e agora
 pela evidência mais crua
 de ter por perto dentro algo que seja
 plenamente teu

(GUITA JR., 2006, 34)

Nestes versos há uma oposição entre o *agora* e o *depois*. O *agora* é a evidência dos primeiros sentimentos advindos do partir, isto é, sente-se nostálgico, solitário e delirante.

Nostalgia é um vocábulo definido no Dicionário Aurélio como saudade da pátria, no sentido positivo, assim esta ânsia de estar nostálgico, demonstra que a evasão do eu lírico é tanto para encontrar a si próprio, quanto para encontrar a pátria, já que somente distante de sua terra as lembranças positivas podem aparecer, causando uma valorização do lugar abandonado. Pensemos na nostalgia com que o poeta Gonçalves Dias canta o Brasil no famoso poema *Canção do exílio*, será que se ele passasse a sua vida inteira no país um poema magistral como este poderia ter sido escrito?

O *depois* é a evidência dos sentimentos necessários que o eu lírico busca após passado um tempo de sua partida; isto é, a necessidade da saudade permanente e da vontade de receber cartas, notícias, de adiar as suas vontades “não poder ser hoje e agora”.

Os dois últimos versos deste poema são o ápice do encontro do sujeito com os elementos que buscava no momento em que partiu. Essa vontade “de ter por perto dentro algo que seja/plenamente teu” é a afirmação de que este sujeito necessita ter a pátria dentro/perto de si. Pode-se também entender o vocábulo teu, como ambíguo, referindo-se à amada, cuja cintura se funde com a linha do equador.

Como mencionamos a amada, vejamos os versos abaixo:

de tornear os calos de sal das palmas
das mãos na cintura do equador
de esmagar-te os seios
no firmamento de um orgasmo
(GUITA JR., 2006, 34)

Neles ocorre a fusão entre elementos geográficos (equador e firmamento) e o corpo da amada (cintura, seios, orgasmo) despertando no leitor um estado poético que Dufrenne define como “(...) estado de encantamento, provocado pelos poderes do verbo, no qual uma consciência dócil e feliz (imaginação) realiza o poema” (DUFRENNE, 1969, 109). Então para além dos sentidos simbólicos e das mensagens que estes versos querem passar, encontramos um texto que desperta a fruição, o gozo no melhor sentido Bartheziano e que equilibra, através de belas rupturas de imagens, as duas margens necessárias para o prazer:

Duas margens são traçadas: uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura) e uma outra margem, móvel e vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca mais é do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem. Essas duas margens, o compromisso que elas encerram, são necessárias. Nem a cultura, nem a destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica (BARTHES, 2004, 11-12).

Falemos agora de outra tensão que se estabelece, mas neste caso, dentro do eu lírico subjetivo. Em primeiro lugar, devemos entender que o eu coletivo e o eu subjetivo nos conjuntos de poemas de Guita Jr. dialogam, mas não trocam de papéis. Isto quer dizer que o eu subjetivo deve ser entendido como um ser dentro da multidão. Um ser que tem voz lírica, não coletiva, contudo. Esta segunda voz cabe apenas ao eu coletivo.

Portanto, quando, em meio a sua evasão, o eu subjetivo refere-se aos males causados pelos problemas de seu tempo e espaço, há certo emparedamento, como se estivesse acorrentado, pois este eu está impossibilitado de falar pelo todo. Analisemos o poema a seguir que irá esclarecer estas rumações de idéias:

e ter que partir
sem quebrar o silêncio que acorrenta a ira

sem amainar a dor e na pele o ardor
 sem desmitificar a noite que acalenta o luar da alma
 sem acariciar a serpente que se passeia nestas mãos
 sem
 (GUITA JR., 2006, 30)

Os versos acima exemplificam a impossibilidade do eu subjetivo de falar em nome do coletivo. Este eu evade, parte à caça de respostas próprias para sua vida individual: “partir de nós mesmos para chegarmos a nós próprios” (KI-ZERBO, 2006, 15), mas a sua ira em relação ao social continua acorrentada pelo silêncio (entenda-se pela sua falta de voz), a sua dor interna e seus externos ardores na pele continuam revoltos e a serpente da desunião continua livre.

Este é um poema de total emparedamento: as anáforas indicam o quão forte é esta privação, exclusão. O verso final intensifica a imagem do vazio sentido: sobrou apenas a preposição, que passa um significado negativo e o espaço em branco, ícones representativos da ausência de tudo.

A composição que fecha o livro deixa claro um movimento de superposição na poesia de Guita Jr.: o entrelaçamento dos dois “eus” que se debatem entre o individual e o coletivo, o desencanto e a esperança, o desejo de partir e a decisão de ficar:

e tentar partir

pegar num punhado de palmeiras
 flores ainda húmidas do primeiro
 orvalho do dia novo que vai raiar
 e caminhar até onde a terra tem por limite
 o mar

sentir os pés enterrarem-se
 na areia ainda fria
 acenar à linha do horizonte o adeus
 dois infinitos azuis
 ter que quedar os olhos à terra

sem lágrimas
 e não partir
 (GUITA JR., 2006, 40)

Surge a consciência do impedimento de concretizar a evasão. Os dois sujeitos tentam, e ambos dão adeus, quedam os olhos a terra e não partem. Tal obstáculo está no fato de não haver mudança (social e interior). Mesmo esforçando-se para crer no orvalho, no novo dia que vai chegar, o sujeito poético (tanto sua máscara coletiva, como sua faceta subjetiva) está desiludido; suas utopias são precárias; ele se agarra na frágil beleza das primeiras flores ainda

úmidas, contudo se encontra esgarçado. Torna-se melancólico, por causa da situação histórico-social vivenciada. Mas é uma melancolia, na perspectiva teórica de Walter Benjamin, ou seja, é um sentimento permeado de indignação com as injustiças históricas.

Esse último poema referido deixa em suspenso vários questionamentos relacionados à mudança. A incapacidade de mudar, de evadir – após tanto desejar – e de sonhar demonstra que não há saída. Ou será que há?

Bibliografia

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

COUTO, Mia. *Que África escreve o escritor africano?* In: Pensatempos. Lisboa: Caminho, 2005.

DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Tradução de Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff de Souza. . Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GUIA Jr.. *Da Vontade de Partir*. In: Os aromas essenciais. Lisboa: Caminho 2006.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* – entrevista com René Holenstein. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LEITE, Ana Mafalda. *Poesia moçambicana, ecletismo de tendências*. In: Poesia sempre – Angola e Moçambique. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, Nº 23, Ano 13/2006.

SECCO, Camen L. Tindó Ribeiro. *Paisagens memórias e sonhos na poesia moçambicana contemporânea*. In: A Magia das Letras Africanas. Rio de Janeiro: ABE GRAPH, 2003.